

O limite entre o individual e o social: um paralelo entre Black Mirror e O Artista da Fome

RESUMO

Este artigo tem como finalidade fazer uma análise sobre o uso das redes sociais como um meio que interfere e transforma os relacionamentos socioculturais. Para isso, terá como objeto o episódio Nosedive da série Black Mirror, de 2011. O estudo explora também o texto O Artista da Fome, de Kafka, comparando a incessante necessidade de aprovação entre as pessoas na internet com os dias em que o artista jejua.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Redes sociais. Séries.

Débora Bortolotti

debora.bortolotti14@gmail.com

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

Marcelo Fernando de Lima

marcelolima@utfpr.edu.br

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

BLACK MIRROR: O FENÔMENO QUE INTRIGA A TECNOLOGIA

A série Black Mirror, criada e escrita por Charlie Brooker em 2011, foi primeiramente exibida pelo Channel 4 e então, comprada pela Netflix. Enquadrando-se no gênero de ficção-científica, os episódios foram feitos de forma a serem desconectados, mas trazendo uma história e elenco diferentes, sendo chamado esse processo de anatologia. Ela é fundamentada na ideia de a narrativa acontecer em diversos países, estados, cidades e ambientes com a perspectiva de um futuro em que a tecnologia é completamente integrada com a sociedade. O título Black Mirror tem como tradução “Espelho Negro”, remetendo às telas dos smartphones. Para o criador da série,

Se a tecnologia é uma droga – e parece mesmo ser uma – então quais são precisamente os efeitos colaterais? Este espaço – entre apreciação e desconforto – é onde Black Mirror, minha nova série de TV, está localizada. O “espelho negro” do título é um que você encontrará em todas as paredes, em todas as mesas, na palma de toda mão: a fria e brilhante tela em uma TV, um monitor, um smartphone. (YOUTHMAG, 2016)

Em todos os episódios, há o objetivo de mostrar como a sociedade se tornou escrava da tecnologia. Mesmo as histórias acontecendo de forma independente umas das outras, cada episódio mostra um aspecto, um lado diferente desse vício, bem como as interações entre as pessoas, suas famílias, seus empregos, as reações desencadeadas devido à tecnologia e as atitudes que tiveram que se adaptar à era digital.

Porém a questão que chama a atenção é que a série aponta de forma extrema, intrigante e por meio de extrapolações o que acontece com a tecnologia atual, fazendo telespectadores sentirem um incômodo na realidade mostrada, com os cenários futurísticos bem realistas.

É mostrando o conceito de tecnologia e o que ela pode fazer que a série apresenta como as interações nas redes sociais impactam na vida das pessoas. Um dos episódios em que fica explícito esse impacto é o primeiro da 3ª Temporada, chamado “Queda Livre” (Nosedive). Nele, a personagem Lacie Pound (interpretada por Bryce Dallas Howard) dedica sua vida a conseguir mais pontos e “curtidas” nas redes sociais – seu sucesso em conseguir um bom emprego, ser promovida ou até mesmo comprar uma casa ou carro, bem como ser reconhecida na sociedade, depende disso.

CRÍTICAS À SÉRIE

Algo que fica bem claro logo nos primeiros episódios é que a série já não tem tanto a dizer sobre a nossa relação com tecnologia. Em vários momentos, soa como a visão de uma geração anterior julgando as novidades que estão surgindo com um olhar que beira o desdém de quem não consegue acompanhar o mundo atual, e não um alerta, como acontecia antes, segundo publicado em 2017 pelo site Jovem Nerd.

De acordo com o que foi publicado, a novidade fica por conta da coesão maior entre as tecnologias apresentadas, de modo que o telespectador sente que tudo

faz parte do mesmo mundo, embora em períodos diferentes, quase como se em um capítulo apresentasse um modelo mais arcaico e, no seguinte, uma versão mais moderna de um mesmo smartphone.

Outra posição acerca da série foi divulgada pelo site Cine Pop, em 2016. Segundo ela,

[...] talvez algumas pessoas acharão exagero, mas sensações são coisas pessoais. 'Black Mirror' foi a série mais pesada que eu já vi, não no sentido de terror ou suspense ou coisas assim, mas pelo soco no estômago frequente que você leva ao ver o 'darkside' da sociedade sendo explorado de modo tão aberto. É realmente a sensação de olhar num espelho e ver apenas o seu lado sombrio. Cada uma das tramas de 'Black Mirror' joga na nossa cara os perigos do rumo que a nossa sociedade já vem tomando, principalmente a sede por entretenimento de péssima qualidade e os malefícios do avanço da tecnologia.

O SOCIAL ULTRAPASSA O PESSOAL

Este é o primeiro episódio da terceira temporada, dirigido por Joe Wright, o roteiro de Charlie Brooker, Mike Schur e Rashida Jones. Neste, as pessoas viviam em busca de um objetivo maior, que é compartilhado por todos: conseguir pontos que são quantificáveis por meio da popularidade em uma rede social. A reputação era medida por meio de avaliações alheias. Isso refletia na sociedade à medida que, conforme era a quantidade de pontos, isso possibilitava descontos em aluguéis, filas preferenciais em aeroportos. Ou seja, quanto mais pontos uma pessoa adquiria, mais privilégios ela tinha e conseqüentemente maior acesso à alta sociedade. A questão estética visual é utilizada em tons de rosa, representando a ideia de "mundo cor-de-rosa", onde as pessoas vivem felizes artificialmente sendo gentis umas com as outras.

A narrativa do episódio acontece com a protagonista Lacie, que procura um apartamento para viver com seu irmão. Enquanto estava no processo de contatar imobiliárias e visitar os imóveis, sua média de pontos era de 4,2. Após a procura, ela encontra o apartamento que sempre desejou, porém distante de suas possibilidades financeiras, a menos que ela atingisse a pontuação de 4,5, conseguindo um desconto suficiente para comprar o imóvel.

Assim, a história começa a seguir um intermédio entre o desejo da protagonista em conquistar os pontos e o que a tecnologia servirá para ela atingir este objetivo. Então, Lacie tenta estreitar relações com pessoas desconhecidas, usando simpatia e empatia para conseguir o retorno dos pontos desejados. A questão que surge quando ela começa a ter tais atitudes é que esse relacionamento passa a ser artificial. Isso porque, até mesmo com quem Lacie andasse, teria efeito na nota, ou seja, ao cativar pessoas com altos rankings faria com que ela também aumentasse o seu, ao mesmo tempo que andar com pessoas que possuíssem pontuação menor traria a ela impopularidade. A ideia por trás disso era que, por algum motivo essas pessoas tinham notas baixas e, portanto, conviver com elas seria concordar com as atitudes que as deixaram decair na pontuação.

Nessa busca, Lacie encontra sua ex-amiga do colégio (Naomi) que a convida para seu casamento. Isso é visto como oportunidade de atingir os pontos necessários e, então, o apartamento, levando em conta que na festa estarão convidados com alta reputação.

Neste momento da série, tudo gira em torno de as pessoas terem uma reputação, pois isso resultaria em privilégios, dinheiro, garantiria uma carreira profissional e o prestígio social. Ao mesmo tempo em que havia pessoas preocupadas e desejando tudo isso, também havia outro grupo de pessoas que já não estavam interessadas em sua pontuação. Na história, Lacie encontra duas pessoas assim, um taxista que ainda dá uma nota baixa ao levá-la para o aeroporto, pelo fato de perceber o jogo da gentileza artificial do mundo cor-de-rosa. Em outra situação, a personagem Suzan, uma caminhoneira, mostra que não se preocupa com pontuações desde a morte de seu esposo, acreditando que viver nessa pressão não vale a pena. Para ambos, a cor predominante ao redor deles é cinza, por terem essa forma de pensamento.

Depois de Lacie perder seu voo para o casamento da amiga, ela entra em colapso e acaba por ser avaliada negativamente por todos ao seu redor. Nesse momento, a narrativa demonstra um ciclo vicioso na vida da protagonista, que só tende a decair em pontos. Ao insistir na ida ao casamento, ela decide ir de carro, mas só conseguiu alugar um automóvel antigo, que era o que sua pontuação permitia. No decorrer de tudo isso, Naomie avisa-a de que ela não precisa mais comparecer ao casamento pelo fato da reputação de Lacie ter decaído, retornando à ideia de que a noiva não queira ter sua imagem ligada a pessoas com notas baixas.

Ao chegar ao declínio da personagem, ela chega ao casamento dotada de liberdade total, denunciando toda a futilidade daquele mundo de aparências e de escolhas feitas apenas para atingir status.

Ao final, Lacie é presa e se vê em um momento de inutilidade do que era feito pela sociedade, com sede de sucesso. Lá, a protagonista se liberta de relações superficiais, sem medo de insultar ou ser insultada já que aquilo tudo não fazia mais sentido.

NOSEDIVE E O ARTISTA DA FOME: QUAL ULTRAPASSA O LIMITE DO INDIVIDUAL?

O presente estudo está sendo feito com o intuito de intermediar a relação existente entre a ideia transmitida no episódio Nosedive de Black Mirror com o conto “Artista da Fome”, de Kafka. Em ambos, há um mesmo conceito de sociedade, porém por trás de narrativas diferentes e será essa relação que será mostrada, evidenciando a crítica social feita em ambos. Sendo assim, esta análise visa relacionar a incessante busca por altas pontuações como acontece na série, com a quantidade de dias que um artista fica sem comer, conforme o texto de Kafka. Tem como intuito também, analisar como os aspectos do “Artista da Fome” podem ser encontrados intrinsecamente no episódio.

Este trabalho fará uma análise de um episódio de Black Mirror, olhando por uma perspectiva diferente da que é mostrada geralmente em críticas de sites sobre cinema, que possui foco em falar sobre como a série faz uma crítica à tecnologia. Porém, mais do que isso, ela aborda questões humanas e sociais. Bem como foi

publicado por um usuário no site Adoro Cinema, em dezembro de 2017. Em sua fala, afirmou que é uma pena a discussão da série se limitar a questões tecnológicas, ao invés de falar sobre a amplitude dos debates que ela promove, que vão desde a vida e a morte até a justiça e a própria revolta, falando sobre ética e dialética.

Neste texto escrito por Kafka, é mostrada a história de artistas que jejuavam como forma de conseguir reconhecimento por seu trabalho. Este ser reconhecido pelo outro se equipara às notas dadas uns pelos outros em *Nosedive*, resultando diretamente na aquisição de um imóvel, automóvel ou até mesmo uma promoção no trabalho. A valorização de atitudes, avaliar e jejuar, que na teoria não teriam relação com a vida ou com a competência do trabalho executado, saem do limite. Como apresenta Kafka, antigamente as pessoas iam até as cidades para ver estes artistas da fome. A audiência aumentava ao passo que o jejum avançava. Se por um lado as pessoas se aproximavam do artista à medida que se somavam os dias de jejum, por outro, no episódio, quanto menores as notas e a pontuação de Lacie, mais as pessoas se afastavam. A questão neste ponto da análise é que existem duas discussões. A valorização do artista é dada a ele quanto mais jejuar, em contrapartida, que para Lacie, sua desvalorização e exclusão da sociedade se acentuam ao passo que suas ações se tornam o motivo pelo qual as pessoas desejam se afastar.

O ser diferente é apresentado tanto em *Nosedive*, como por Kafka, porém em personagens diferentes. No episódio, o diferente é quem não segue os padrões impostos pela sociedade, que faz algo pensando em agradar os outros, que não é gentil, muitas vezes com alguém que nunca viu na vida e que nunca mais verá. Que não vive por baixo de uma máscara mostrando apenas o lado bom da vida e que não distribui elogios, simplesmente para ganhar a provação do ouro. Já no *Artista da Fome*, o diferente é o artista, visto como telespectador. Um espetáculo. Isso é apresentado por Kafka no quadragésimo dia de jejum do artista da fome. Neste, as portas da jaula eram abertas, coroada de flores, perante uma plateia entusiasmada no anfiteatro. Enquanto a banda tocava, dois médicos entravam na jaula para realizar os procedimentos necessários ao artista. Após, os resultados eram anunciados pelo megafone, e ao serem sorteadas duas moças, comemoram por terem a “honra” de ajudarem o jejuador a sair da jaula. Elas então o guiavam para uma mesa com uma “refeição de doente cuidadosamente selecionada”, como coloca Kafka.

Outro ponto a ser discutido é que em *Nosedive*, as próprias pessoas se policiam, e fazem o papel de julgamento sob a atitude das outras. Tem-se um entendimento generalizado, compartilhado pela maioria, que exclui aquele que não possui altas pontuações. Ou seja, um monitora o outro. Não há um órgão, um grupo de pessoas que monitoram estas ações, pois já está intrínseco no cotidiano das pessoas e na mente delas.

Já no *Artista da Fome* havia a presença de vigias, que tinham como trabalho garantir que os artistas não comessem absolutamente nada. Porém, apesar de eles terem esta função, muitas vezes se tornava desnecessária, pois todos sabiam que sob nenhuma circunstância o artista comeria algo, pelo fato de honrar a sua arte. No entanto, nem todos poderiam passar noites vigiando estes artistas, sendo o único jurado, apenas o próprio artista. A questão aqui intrínseca era esta, o próprio artista se policiava.

Para provar que ele estava realmente fazendo jejum, o artista ficava em um lugar, chamado de jaula, por madrugadas, dias, tirando cochilos mesmo com luminosidade ou com barulho, e mantendo conversas com os vigias. Havia a necessidade dessa comprovação, e até mesmo de aprovação por ter esse tipo de atitude, bem como acontecia em Nosedive. Lá, as atitudes feitas com o objetivo de terem altas pontuações no aplicativo eram realizadas por meio de um ideal: Do “mundo cor-de-rosa”, onde as pessoas viviam felizes artificialmente sendo gentis umas com as outras.

Mesmo com este cenário, ele nunca estava satisfeito com o jejum que passava. Acreditava que a magreza não era por esse motivo, mas sim em virtude de uma insatisfação com ele mesmo. Essa é a cobrança que a sociedade representa perante as pessoas. Cobrança em ser o melhor, em ter as melhores notas no colégio, em ter o melhor emprego, em ser bem sucedido. Ações que se tornam desejos a tal ponto que movem as pessoas muitas vezes na tomada de decisão, nas escolhas. Como resultado, a cobrança e a pressão acima delas é tanta que no episódio de Black Mirror é representado como loucura, na cena em que Lacie está na prisão.

Essa pressão exercida pela sociedade é tanta que assim como representou uma forma de “loucura”, no Artista da Fome representa a raiva. Kafka explica que no espetáculo que o artista sai da jaula, a tristeza é tanta, provavelmente de fome, que teve em resposta um estado de fúria, sacudindo as grades e causando susto às pessoas. Como forma de amenizar, seu empresário desculpa-se com os convidados justificando que a irritabilidade do artista deveria ser compreensível. O que o fez ficar triste foi saber que conseguiria jejuar mais, sendo elogiada sua ambição. Porém, o que acontecia era que fotografias dele eram vendidas apresentando uma imagem de fraqueza, inibição. Isso representava a distorção da verdade.

Se um dia isso fez sucesso, anos depois não representava nada, a não ser memórias. O artista ficou sem emprego, e a dificuldade em encontrar outro trabalho era grande devido a sua idade. Isso se relaciona a como a sociedade desenvolve novidades, porém, deixando de lado o passado, considerado como antigo, como ultrapassado, sem se dar o devido valor. As questões de passado – presente, traz consigo mudanças de valores, de ideais. Bem como acontece na vida de Lacie e sua melhor amiga, que ao descobrir a nota baixa que tinha no aplicativo, desconvidou Lacie para seu casamento. Pensamento frio, sem levar em consideração a histórias das duas no passado, olhando apenas para o presente e o que importava no “agora”.

Mas ao tentar provar que ainda conseguia jejuar, para assim arranjar um trabalho, foi novamente negado. A percepção do jejuador era que até mesmo ele não deixou de perceber as condições reais e considerou natural não estar na jaula, como número de destaque, mas sim, fora, perto dos estábulos. Essa situação de aceitar a condição que a sociedade o impôs é também representado por Lacie, na cena em que está na cadeia. Mesmo em um período de revolta, ela xinga o outro homem preso na cela à frente, como forma de libertação, de que estando ali, presa, poderia falar o que quisesse sem agradar os outros, era aceitável para ela mesma.

Mesmo não tendo a mesma popularidade de antes, Kafka afirma que as pessoas acostumaram-se com a estranheza de querer chamar atenção para um

artista da fome em tempos atuais. O jejuador poderia voltar a jejuar-se, mas nada voltaria a ser como antes. A tentativa de explicar para alguém sobre a arte do jejum era inválida.

A sua jaula, o placar dos dias jejuando era antigo e ninguém se importava mais. Incrédulo, para o artista a maior mentira de indiferença e maldade que foi inventada, era que o não era ele quem cometia a fraude de se alimentar em tempos de jejum, era o mundo que fraudava seus méritos. Junto a isso, o reflexo na sociedade atual é a individualidade. Larie, em *Nosedive*, vivia para si, e para seus interesses. A amiga que se casou a mesma coisa. Assim, como em todos os seguimentos da sociedade na série.

Tanto ao final da série, quanto do texto ilustra um cenário de que aquele que não aceita ou não segue os padrões impostos pela sociedade, de egoísmo, individualismo, não permanece dela. O isolamento feito na série foi prender Lacie, enquanto o artista da fome faleceu.

The limit between the individual and the social: a parallel between Black Mirror and A Hunger Artist

ABSTRACT

This article aims to analyse the uses of social networks as a means of interference and shifts in social and cultural relationships. In order to do that, we study one episode of the series Black Mirror (2011), Nosedive. Our text compares some aspects of this episode with Kafka's short story A hunger artist. We focus on the sheer necessity of being approved by other people on the internet and the days spent in fast by the artist.

KEYWORDS: Communication. Social networks. Series.

REFERÊNCIAS

Black Mirror: O assustador futuro da tecnologia. Disponível em: <http://www.mundofreak.com.br/2016/08/16/resenha-black-mirror-o-assustador-futuro-da-tecnologia/>. Acessado em 18 de setembro de 2018.

As lições do seriado de Black Mirror. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/blog/startup-digital/post/licoes-do-seriado-black-mirror.html>. Acessado em 18 de setembro de 2018.

Black Mirror - Quarta Temporada – Crítica. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/black-mirror-quarta-temporada-critica/>. Acessado em 18 de setembro de 2018.

Crítica Black Mirror. Disponível em: <https://cinepop.com.br/critica-black-mirror-112670>. Acessado em 18 de setembro de 2018.

“Black Mirror”: Todos os episódios, organizados do pior para o melhor. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/11/cultura/1515697182_485240.html. Acessado em 25 de setembro de 2018.

Black Mirror, críticas dos usuários. Disponível em: <https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/criticas/2017/12/critica-black-mirror-4a-temporada>. Acessado em 25 de outubro de 2018.

Black Mirror e os Efeitos Colaterais da Tecnologia. Disponível em: <https://youthmag.com.br/2016/11/07/black-mirror-e-os-efeitos-colaterais-da-tecnologia/>. Acessado em 28 de setembro de 2018.

KAFKA, F. Um artista da fome e A construção. Trad. de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

Recebido: 18 dez. 2018.

Aprovado: 6 jul. 2019.

DOI: 10.3895/rde.v10n16.11463

Como citar:

BORTOLOTTI, D; LIMA, M.F. O limite entre o individual e o social: um paralelo entre Black Mirror e O artista da fome. R. Dito Efeito, Curitiba, v. 10, n. 16, p.92-101, jan./jun. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/de>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

